

MEMÓRIAS DE TATUOCA – UMA HISTÓRIA FAMILIAR

Jaqueline Soares da Silva ¹
Joanna Lessa Fontes Silva ²

RESUMO

Neste artigo apresentamos as práticas educativas e de sensibilização que registrou parte dos saberes populares e modo de vida e os impactos ocasionados pela mudança forçada dos moradores da Ilha de Tatuoca para a Vila Nova Tatuoca, no Cabo de Santo Agostinho em virtude das obras de ampliação do Complexo Industrial Portuário de Suape, Pernambuco. Por meio das memórias dos antigos moradores da Ilha, evidenciamos outra versão dos fatos relativos aos impactos gerados a partir da chegada do complexo de Suape na região. Metodologicamente, utilizamos algumas técnicas para sensibilização da memória, realizamos entrevistas com cinco mulheres idosas lideranças das principais famílias da área e, a partir destas, criamos a genealogia de algumas das famílias que viveram na Ilha de Tatuoca, como também apresentamos parte da memória relatada pelos antigos moradores. Durante o trabalho pudemos observar que o conceito de família é um elemento importante para o fortalecimento identitário da comunidade e para a construção de uma identidade coletiva e única dos últimos moradores da Ilha de Tatuoca.

Palavras-chave: Educação, Memória, Ilha de Tatuoca, Genealogia, Suape.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Plena em História da UFRPE, semestre 2018.2 e apresenta de maneira sucinta a experiência de pesquisa iniciada no Programa de Iniciação Científica intitulado “Memórias de Tatuoca: Entre a Ilha e a Vila”, vivenciada no projeto de extensão “Tecendo Histórias a partir do Lazer e da Extensão Rural” no ano de 2016 e “Lazer e Extensão Rural na comunidade de Tatuoca”, em 2017. A pesquisa teve como objetivo entender as transformações ocasionadas pela chegada do Estaleiro Atlântico Sul, que integra o Complexo Industrial de Suape, na população que vivia na Ilha de Tatuoca, usando como base de investigação as memórias destes moradores e contou com a orientação da professora Joanna Lessa, a partir de seu projeto de investigação “Lazer, campesinato e segurança alimentar: Relações e Reflexões” e com a parceria do Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

¹ Jaqueline Soares da Silva é licenciada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e mestranda no Programa Educação, Culturas e Identidades da FUNDAJ/ UFRPE, jaquelinesoaresx@gmail.com;

² Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco do Departamento de Educação, joannalessaufupe@gmail.com.

A comunidade de Tatuoca foi totalmente retirada da ilha localizada no município de Ipojuca, Pernambuco, no ano de 2014 e realocados na Vila Nova Tatuoca, no Cabo de Santo Agostinho. Por meio das memórias dos antigos moradores da Ilha de Tatuoca, evidenciamos outra versão dos fatos gerados pelos impactos resultantes da chegada do complexo de Suape na região.

Neste artigo traremos a metodologia utilizada em campo relatando as iniciativas de sensibilização para que a memória coletiva dos moradores da ilha fosse revelada e dos métodos utilizados como a produção da linha do tempo e a construção inicial da genealogia de algumas famílias da comunidade. Nos dois tópicos seguintes, apresentamos alguns dos dados adquiridos, tanto da genealogia, como da memória dos moradores de Tatuoca, e nas considerações finais trouxemos interpretações possíveis diante dos dados históricos coletados.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve em seu cerne a lógica interdisciplinar. Ela aproximou campos da historiografia, da educação, da antropologia, da sociologia, entre outros. Ainda existem poucos trabalhos acadêmicos desenvolvidos na região e a principal ferramenta que utilizamos para a construção dos dados e aproximação com os moradores da Vila foram realização das imersões do Projeto de Extensão algo próximo de uma perspectiva etnográfica. Estas imersões foram pequenos períodos de tempo onde literalmente vivemos na Vila de Tatuoca, e fizemos uma análise do processo histórico a partir da memória dos moradores e não apenas da situação atual da comunidade no local. Com esta convivência cotidiana com os moradores e moradoras. Participei de duas delas: de 06 a 09 de outubro de 2016 e de 16 a 19 de março de 2017, ali tivemos a possibilidade de estreitar os laços e entender que todas as experiências são significativas para a construção da pesquisa e para diminuir barreiras que muitas vezes impedem a aproximação das pessoas com a universidade.

O registro da memória e a busca pela história oral foi o que motivou a base da pesquisa através dos relatos dos moradores que têm sua história de vida atrelada ao seu local de origem e que se tornam, portanto, fundamentais para compreendermos o quão devastador foi esse processo de modificação e de retirada pelo qual passam atualmente. Segundo Antônio Montenegro, em “História Oral e Memória” (2007), essa metodologia possibilita registrar os caminhos de vivências pessoais por meio da memória ligada à identidade. A história oral tem como finalidade relacionar estes dois aspectos vivências pessoais e identidade de maneira a propor que um conduz ao outro. Em conjunto, memória e identidade se enlaçam, possibilitando

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

a realização de estudos que saiam do tempo presente, de personagens vivos que, mais do que testemunhar um fato ou relatar trajetórias, permitam ver ao processo de seleção dos acontecimentos para a, de constituição de discursos e, assim, abrem-se a exames que extrapolam a constatação dos fatos.

As vivências realizadas no campo, que se deram a partir da minha participação no projeto de extensão “Tecendo Histórias a partir do Lazer e da Extensão Rural”, geraram a ideia de realizar um projeto de pesquisa baseado na história oral quando foi possível fazer uma primeira tentativa de pôr em prática esta metodologia. Participei das atividades de extensão desenvolvidas em Tatuoca, na perspectiva de contribuir ativamente em uma comunidade e desenvolver uma atividade, que seria importante para mim e para eles, focando na valorização da memória de um grupo social pouco valorizado.

DESENVOLVIMENTO

Percebemos que a pesquisa se aproximava de uma experiência etnográfica, o que foi um desafio, já que esta não é uma metodologia muito utilizada na história. Essa dinâmica ocasionou a aproximação com a comunidade, além de possibilitar o entendimento de que precisava trabalhar a pesquisa de uma maneira que fizesse sentido para a comunidade, para que ela compreendesse as perguntas que eram propostas. Como afirma Bronislaw Malinowski, em “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”:

Um trabalho etnográfico só terá valor científico se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI, 1976, p. 18).

No começo do trabalho de campo nas Ilhas Trobriand, Malinowski conta que não foi possível entrar em conversas mais explícitas ou detalhadas com os nativos; a solução encontrada era coletar dados concretos, e, assim, passou a fazer um recenseamento da aldeia: anotou genealogias, alguns desenhos, relação dos termos de parentesco, etc.

Nosso trabalho teve dificuldades semelhantes e por isso recorremos a estratégias semelhantes: optamos por focar as questões na história das famílias, a quantidade de filhos e netos e as relações familiares entre os moradores da Ilha de Tatuoca. Isso fez com que adquirissem muitas informações familiares, o que fez com que a genealogia se tornasse uma opção viável para a realização da pesquisa. Assim, a genealogia foi a principal estratégia de diálogo com a comunidade. Diferentes gerações contribuíram no processo, inclusive

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

adolescentes da Vila. Vimos também que a árvore genealógica é um bom produto que irá contribuir para a construção de dados históricos sobre a comunidade.

Memória é aquilo que costumamos nos lembrar do nosso cotidiano, é algo que foi vivido ou aprendido e está diretamente associada com as nossas emoções. A memória, não necessariamente, é algo linear. Ela é seletiva, já que não é possível para o ser humano comum lembrar-se de tudo que viveu, e assim, o esquecimento é algo que faz parte da memória. Por vezes também pode ser caracterizada como algo alegórico. É comum, por exemplo, que não nos lembremos de algo como aconteceu exatamente, porque a nossa memória muitas vezes reinterpreta as experiências que vivemos.

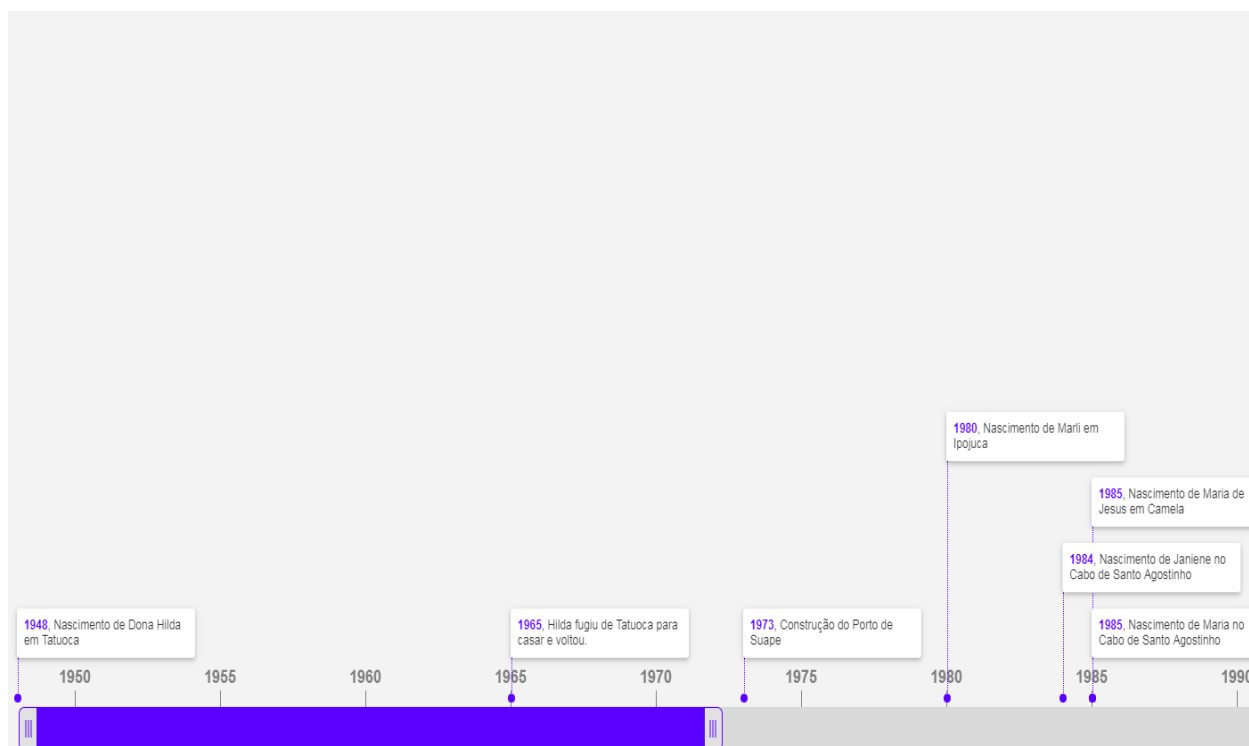
Memória é algo que cria base através da emoção por ela possuir um significado para quem vivencia determinada situação que poderá ser retomada e resignificada através da associação com outras experiências de vida. O fato de termos memória nos dá a possibilidade de nos identificarmos com o outro e está diretamente ligado com a experiência que nos faz humanos. Lidar com essa faculdade é trabalhar com uma fonte rica, mas que precisa ser balanceada com outros documentos para que se entenda melhor a lógica por trás do acontecimento. Neste trabalho não foi possível encontrar outros documentos para comparar com os relatos, mas as entrevistas indicam caminhos metodológicos e informações primordiais para a compreensão das transformações ocorridas no território de Suape.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

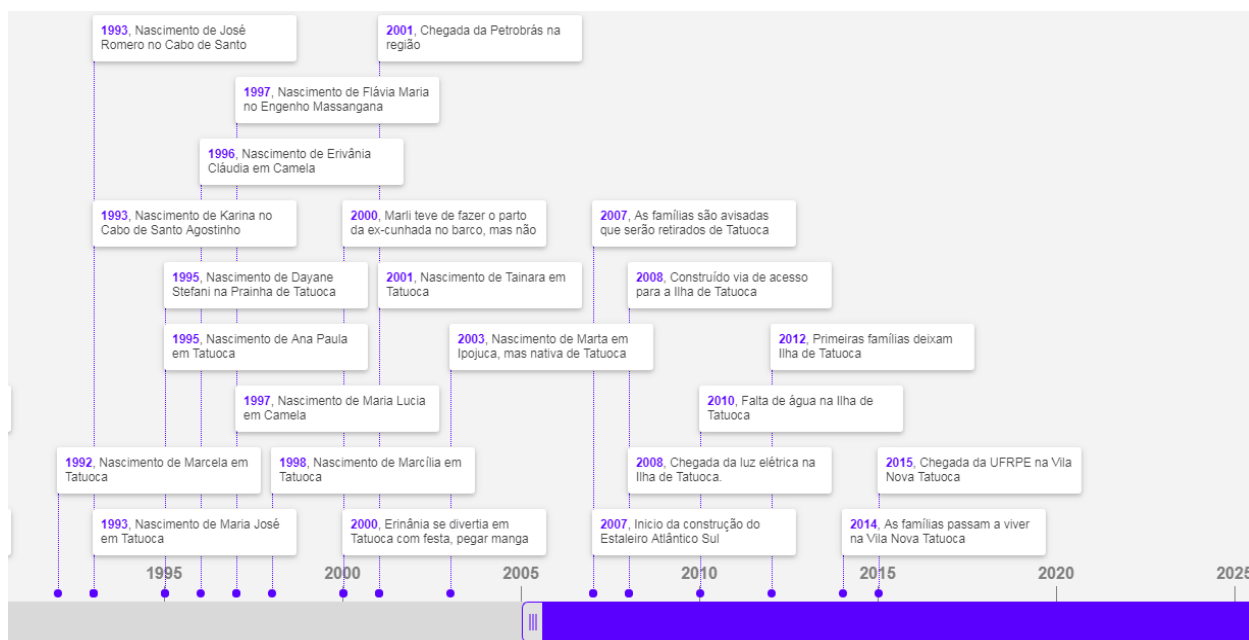
A primeira atividade realizada foi a produção de uma linha do tempo a partir da conversa com as mulheres, registrando as datas de nascimento delas e das crianças presentes naquele momento e depois pedindo que as mulheres contassem alguma história ou “causo” significativo durante o tempo em que viveram na Ilha de Tatuoca.

Dividimos os fatos em situações que aconteceram e impactaram toda a comunidade, como a implementação do CIPS (Complexo Industrial Portuário de Suape) e histórias pessoais vividas durante os anos na Ilha. Percebemos durante o processo de realização da linha do tempo que as questões que são de grande importância para nossa pesquisa, como a vida na Ilha de Tatuoca e o conhecimento da rotina e das situações típicas na Ilha, eram muitas vezes vistos como algo sem importância para as pessoas.

A metodologia da linha do tempo nos fez compreender como a comunidade enxergava os fatos pelos quais passaram e nos deu a possibilidade de ver como essas pessoas sentiram a



Linha do tempo – 1948 até 1990



Linha do tempo – 1990 até 2015

chegada de Suape ao longo das três décadas de implementação do megaprojeto na região. Para elas em 1970 não era possível ver os impactos desta construção na Ilha, e só passaram a compreender o que era Suape a partir de 2009, quando algumas pessoas da ilha passaram a trabalhar na construção do estaleiro.

A construção da linha do tempo nos apresentou uma realidade: as mulheres de Tatuoca não compreendiam a necessidade do registro da história da Ilha; eles julgavam que falar do passado era uma perda de tempo, o que nos fez concluir que seria necessário sensibilizá-los para a compreensão da importância da história e da memória para a valorização da vida que levaram em Tatuoca.

Quase todas as pessoas que participaram deste momento nasceram na Ilha de Tatuoca e outras chegaram após o casamento. A inclusão dos nomes e datas de nascimento foram importantes pois evidenciou para as pessoas que essas informações também são elementos históricos, assim como também alguns relatos pessoais que apresentam aspectos do modo de vida e das relações sociais na Ilha de Tatuoca neste passado recente.

Durante o trabalho de campo elas encontraram dificuldades³ em se aproximar da Ilha de Tatuoca e este fato foi muito presente durante a construção da linha do tempo, pois era muito simbólico para elas não terem acesso ao local em que viveram por tanto tempo, sendo toda área monitorada por vigilantes que limitam o acesso e a prática da pesca e coleta de frutas, algo que gerou impactos negativos para toda a comunidade, pois essas práticas são as fontes de renda daquelas famílias.

Após a produção da linha do tempo, decidimos desenvolver algumas iniciativas para estimular a valorização e a preservação da memória coletiva. A principal dessas ações foi realizada no projeto de extensão “Tecendo Histórias a partir do Lazer e da Extensão Rural”, que durante a realização da Colônia de Férias de Tatuoca, definimos o tema: “Memórias de Vida e Luta”. Esse período de férias foi realizado nos dias 12, 14 e 15 de julho e em sua programação tivemos algumas visitas, entre elas aos museus: “Museu do Homem do Nordeste” (Recife) e o “Engenho Massangana” (Cabo de Santo Agostinho). Após a Colônia de Férias identificamos um maior interesse das participantes do projeto em participar das ações que envolviam memória e ajudaram a identificar quem deveria ser entrevistado para coletar informações sobre as memórias da vida na Ilha de Tatuoca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de remoção dessas famílias da área onde ocupavam por gerações é demasiado complexo e doloroso para os moradores da atual Vila de Tatuoca. O discurso

³ A partir da intervenção do Fórum Suape, em audiência pública realizada no ano passado, os moradores puderam voltar a visitar a ilha, porém as práticas de pesca e de coleta de frutos ainda estão suspensas. Durante o processo de coleta de dados, não visitamos a Ilha de Tatuoca.

hegemônico sobre os benefícios atribuídos ao CIPS tornou invisível a história das comunidades realocadas, reforçando a ideia de que estas remoções foram necessárias para a realização de um bem maior que visava o desenvolvimento, inclusive da região para onde a vila foi realocada, e assim, isso também foi visto como uma das boas ações constituídas por SUAPE para diminuir o impacto gerado pela chegada do empreendimento na região.

A produção da história perpassou pela construção do discurso e na história construída durante séculos sempre nos deparamos apenas com uma versão hegemônica. A memória e a oralidade dos grupos tradicionais pouco foi respeitada na chamada história oficial e coube aos historiadores revisionistas mostrar o outro lado dos fatos, utilizando de fontes diferentes que os documentos oficiais e trabalhando com metodologias mais participativas. O trabalho desenvolvido em Tatuoca segue por este pressuposto. Precisávamos registrar o modo de vida da Ilha, através da genealogia e da memória das mulheres que compõem o projeto e apresentar ao mundo o que aconteceu na região. Se não fizéssemos isto hoje, no futuro próximo será esquecido que pescadores viviam na Ilha, e sem memória não existe pertencimento, não existe construção de identidade.

Vattimo (1992), em “A sociedade transparente”, analisou a construção de pós-modernidade na perspectiva histórica. Para ele, a ideia de modernidade dá a entender que a história da humanidade seria uma linha reta que sairia da barbárie até o total desenvolvimento e, assim, imperaria um discurso único, típico da modernidade. Para Vattimo, nós não somos mais apenas modernos, pois a atualidade tem se demonstrado diferente dos ideais da modernidade e ele tem uma visão esperançosa sobre o conceito de pós-modernidade, pois têm surgido diferentes grupos sociais que estão se fortalecendo a partir do uso da mídia e dos meios de comunicação. Ao invés de surgir um discurso único, vivemos o contraponto do discurso nos dias de hoje, pois mesmo que estes grupos ainda não tenham atingido o poder econômico e político hoje a tecnologia e a pesquisa de âmbito social permite conhecermos outros pontos de vista históricos e culturais. Para ele fragmentação é equivalente a democratização.

Diante disso, acreditamos que os relatos dos moradores da Ilha de Tatuoca são muito ricos para a construção de outra narrativa da história de Suape no litoral sul de Pernambuco, pois nos traz o olhar daqueles que foram expulsos de suas terras, como tantos outros no Brasil, a partir da força do discurso desenvolvimentista, em regiões que atualmente são de interesse do capital nacional e estrangeiro.

Tivemos clareza que este trabalho foi um projeto importante que integra pesquisa e extensão. Isto me deu a certeza de estar envolvida em um projeto único, onde fomos capazes de propor novas metodologias e criar práticas que ampliam a lógica de ver a fonte documental

como única referência para a história como ciência. Chegamos à conclusão que estamos criando documentos históricos quando nos propomos a sistematizar dados que representam a história de Tatuoca e reconhecemos a necessidade de dialogar com os dados produzidos com outras leituras e pesquisas, que pretendo superar com a continuidade da pesquisa em um futuro mestrado.

REFERÊNCIAS

- FERRO, Marco. **História das Colonizações: das conquistas às independências**. Companhia das Letras, 1996.
- Habitacional Vila Nova Tatuoca - <http://www.suape.pe.gov.br/pt/comunidades/comunidades-consolidadas/habitacional-vila-nova-tatuoca>, Site SUAPE acessado em 08/03/2017.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MARQUES, Katlyn Kelly Duclerc. **Moradores invisíveis: o sofrimento social dos moradores da Ilha de Tatuoca - Ipojuca – PE – em seu processo de desterritorialização/** Recife: [s.n.], 2014
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.
- MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2008, 5-10.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- PEREZ, Mercedes Sola; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. Desenvolvimento e conflito territorial – primeiras reflexões sobre as comunidades atingidas pelo complexo industrial portuário de Suape- PE, Brasil. **Revista de Geografia (UFPE)** V 29. No. 2. 2012
- PÉREZ, Mercedes Solá. **R-existências dos camponeses/as do que hoje é Suape: justiça territorial, pós-desenvolvimento e descolonialidade pela vida**
- PERROT, Michelle. **Las Mujeres e los silêncios de La historia** em Por qué recordar? Buenos Aires: Garnica, 2006.
- PETROBRÁS. Plano de Negócios 2010-2014. 2010. Disponível em: <http://www.investidorpetrobras.com.br/pt/comunicados-e-fatos-relevantes/fato-relevante-plano-de-negocios-2010-2014> Acesso em: 24 jan. 2019.
- VAINSENER, Semira Adler. **Suape – Porto e Complexo Industrial. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco. Recife.
- VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.